



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 58-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa — Telefone 5336 O.
Officinas de impressão — Rua da Ataláia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Ilacões dolosas

Usando daquela lealdade que, a nem chamada para o assunto — pretendessem impor qualquer cousa que possa traduzir o propósito de estabelecer a censura vermelha, antes de fácil verificação, em presença do documento que uma delegação da comissão executiva do movimento firmou com o director de *O Tempo*, que se reconhece a este jornal o direito de publicar o que lhe aprouver. Não faremos a injustiça de atribuir às empresas jornalísticas tanta ignorância sobre a maneira como funciona a engrenagem sindical que pudessem sinceramente supor que seria possível chegar ao resultado que anunciam. Há, portanto, que atribuir-se a uma intenção dolosa as duas afirmações que partem dos arraiais dessas empresas.

Analisando a primeira, devemos dizer que a C. G. T. é, como o foi a extinta União Operária Nacional — onde as duas primeiras associações tiveram representação directa, não a tendo a terceira, porque não existia então — um organismo essencialmente livre. Trata-se dum agrupamento de todos os salarizados, constituído sob a base federativa autónoma, agrupamento criado para a defesa dos interesses económicos, sociais e profissionais dos trabalhadores, e que tem ainda por objectivo a «elevação constante da sua condição moral, material e física».

E é tal o respeito que a C. G. T. tem pelas opiniões dos confederados que no respectivo estatuto figura o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro das Federações e estas, por sua vez, dentro da Confederação. Assim sendo, e dando-se a circunstância de entre os componentes da Associação dos Trabalhadores da Imprensa haver, precisamente em número mais elevado do que nas duas outras associações, indivíduos das mais opostas tendências políticas e filosóficas, como seria possível que todos esses indivíduos se unissem agora para realizar um movimento que tivesse por fim levá-los à sujeição de qualquer espécie de censura?

Pois não se verifica que no nosso colega *A Imprensa de Lisboa*, o órgão dos grevistas, estão trabalhando lado a lado, na defesa duma causa que é comum, porque o seu móbil é económico e não político, monárquicos militantes com elementos avançados?

E' tam pueril o argumento trazido a terreno pelas empresas jornalísticas que não resiste de um exame imparcial. Todavia, é esse argumento agitado com de-nódo pelo órgão dessas empresas, as quais neste caso como em muitos outros não tem relutância em mentir conscientemente, o que prova que são incapazes de atacar lealmente. E nós é que somos os sectários...

Há que examinar a segunda alegação dos industriais do jornalismo. Isso faremos num próximo escrito, visto que o presente já excede os justos limites.

Alexandre VIEIRA

A ESPANHA NEGRA

Um apelo da Confederação Nacional do Trabalho aos trabalhadores portugueses

A C. G. T. de Espanha vem de enviar à sua congénere de Portugal o seguinte apelo:

«O proletariado espanhol atravessa uma situação difícil devido à ligação de todos os poderes constituídos contra nós, que conscientemente lutamos pela libertação total da classe produtora.

Não queremos fazer um relato minucioso de todas as arbitrariedades cometidas contra a nossa organização. Basta-vos saber que desde a prisão até ao assassinato são armas usadas pelo Poder central para tratar de aniquilar-nos.

O ilustre governador de Barcelona, um militar grosseiro e cruel a quem não assusta o crime por estar habituado a ele por deveres profissionais, organizou a polícia para que esta caça a tiro os sindicalistas, em plena rua, como os norte-americanos caçavam os peles-vermelhas em 1850. Nesta tarefa ajudou-o o chefe da polícia, hábil criminoso que já praticou o seu ofício em Cuba e nas Filipinas.

O delito de pagar uma cota para auxiliar o sustento das famílias dos militares de companheiros presos nas masmorras da Espanha inquisitorial, é castigado com muitos meses de cárcere; e os camaradas que fazem parte dos comités pró-presos são perseguidos com mais tenacidade e mais fúria do que os animais ferozes.

E' impossível pintar-vos em poucas linhas o quadro desolador deste desgraçado país, onde não impera senão a sotaína e o saíbro; o crucifixo e o cofre-forte; o cárcere e o presidio para os produtores e o *cabaret* para os políticos e burgueses.

E' questão de dignidade, companheiros portugueses, o boicote contra os produtos espanhóis. Proclamai bem alto que o governo de Espanha é a vergonha da Europa! Ferrosos! Negai-vos a transportar matérias para Espanha e a receber as mercadorias de sua produção. Marinheiros! deixai de trabalhar nos barcos da Espanha negra.

Operários da alimentação, deixai de servir os viajantes espanhóis. Negai-lhes alojamento.

Trabalhadores portugueses, todos! protestai perante os embaixadores e cónsules da Espanha contra as tropelias que contra vossos irmãos se cometem e denunciad em reuniões, comícios e conferências as selvagensas dos governantes espanhóis, que levaram ao cemitério um número considerável de camaradas vilmente assassinados pela ferocidade capitalista.

Realizai o boicote. Convençei toda a gente de que os produtos espanhóis devem ser boicotados. Boicotei sem compaixão. Sabotai sem piedade. Lembrai-vos de que carne irma da vossa carne geme em imundas prisões.

Tende bem presente que as ruas se converteram em cemitérios para os trabalhadores.

Boicotei, boicotei!

O Comité da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha

OS FERROVIÁRIOS PRESOS

Impera e arbitrio

Nem ao menos o respeito pela lei!

Completaram já oito dias de prisão os ferroviários que se encontram no governo civil, sem que até esta data tenham sido interrogados. Ontem foram postos em liberdade quatro, e os detidos os restantes. Porque?

O seu crime, que não é nenhum, é igual ao dos quatro que foram libertados. O que se está passando com os ferroviários é uma verdadeira farsa, já repetidas vezes, duas do nosso conhecimento.

A polícia de segurança precisa justificar os seus honorários, e quando não tem outro meio, prende a esmo, para depois deixar permanecer nas prisões as suas vítimas, sem culpa formada, como está sucedendo com os ferroviários. Contra isto protestamos energeticamente, porque os processos de agora, estamos fartos de o repetir, são os mesmos do desmembramento, contra os quais os governantes actuais tanto protestaram.

Quem assume a responsabilidade pela permanência na prisão, sem culpa formada e sem ao menos serem interrogados, dos nossos camaradas Alfredo de Carvalho, Estevão José Veiga, João Ferreira, Francisco Viegas, João Eusebio de Oliveira Mateus da Cruz e Leopoldo Calapez?

Ninguém, como é costume. Mas o sr. ministro de comércio e o sr. Liberato Pinto, não falam senão em legalidade. Deixem-nos ao menos a impressão de que respeitam as leis que fazem, mandando libertar os presos ferroviários, vítimas de uma torpe acusação a que a polícia de segurança do Estado deu o completo crédito. Também seria interessante que o sr. director da referida polícia, dissesse a razão por que o ferroviário Leopoldo Calapez não tem tratamento igual aos outros presos, e porque lhe é impedido que seja transferido para os quartéis particulares, como os restantes seus camaradas.

Tudo isto é muito interessante e significativo.

Trabalhadores: Lede e propagai a BATALHA

A greve dos trabalhadores de jornais

Após oito dias de luta, os grevistas apresentam-se unidos e firmes como na primeira hora

Faz hoje oito dias que, provocado pela atitude grosseira das empresas jornalísticas que se recusaram a negociar com os reclamantes e tentaram desvirtuar os intuitos das suas reclamações, se iniciou a greve dos jornalistas, revisores, gráficos e distribuidores dos jornais. E é-nos grato e animador constatar que, após esses oito dias decorridos, de uma luta gigantesca, o moral dos grevistas mantém-se excelente, formando, intelectuais e manuais, uma frente unida, disposta a enfrentar os ataques desleais do patronato que raiosamente se converteu em seu inimigo irreconciliável.

Pode-se dizer que o estado do conflito é o mesmo dos primeiros dias? Não. Deve-se antes afirmar que já estamos hoje muito próximo da sua solução.

Propósitos de rompimento do pacto de algumas empresas, fazem prever que o moral dos industriais apresenta-se já abatido e que em breve as dissidências previstas e inevitáveis convencerão as empresas que se meteram numa má aventura.

Duvidaram as empresas, num menor preço da dignidade dos seus redactores, que o pessoal da redacção fosse capaz de um acto de revolta e se solidarizasse com os seus companheiros da tipografia.

Dai o arregaço com que, do alto da sua onnipotência grosseira, se recusaram a ouvir as classes que reclamam e a discutir com elas. Enganaram-se as empresas, apesar de todo o seu talento e tino psicológico.

Perante a união dos trabalhadores intelectuais e manuais, firmemente dispostos a vencer, as empresas sentem-se em mau campo, cambaleantes.

No entanto, supondo que a sua desorientação e o seu desânimo se verifiquem também do lado oposto, as empresas fazem-se fortes. Que essa firmeza é fictícia, não tardará o tempo se demonstrar.

E' que a causa das empresas falha tudo. Falta a razão e a justiça, falta a sinceridade dos seus defensores e falta sobretudo a simpatia da opinião pública.

Um dos que defende a independência da sua profissão e deu a sua adesão às empresas

Em *A Imprensa de Lisboa* deparou-se-nos a seguinte local:

De «O Diário de Notícias», de 16 de Maio de 1916:
A pedido do sr. Meira e Sousa que o acuse de utilizar-se de bilhetes como redactor de «O País», para pedir entradas nos teatros, entradas que vendia na rua da Associação, 44, foi preso A. Sousa Nogueira.

De «O Seculo», da mesma data:
A requisição do director de um jornal da tarde e por andar vendendo bilhetes de teatro que requisiava com bilhetes de visita em que se dizia redactor do mesmo, foi preso um indivíduo de nome A. Sousa Nogueira, que em tempo foi também detido por estar furtando charutos na Tabacaria Cavalli Folger.

O sr. A. Sousa Nogueira, director de *O Radical* e chamado agora para a redacção de *O Tempo*, é um dos colegas dos srs. Fernando de Sousa, Nunes Simões, Augusto de Castro e Manuel Guimarães que defende a independência da sua profissão. Resta saber de qual profissão...

«O Norte» desmorteou...
O Norte é uma folhinha de couve que se publica no Porto. Diz-se reputado.

A burguesia defende-se

A dissolução da C. G. T. francesa

Os últimos telegramas anunciaram a dissolução da Confederação Geral do Trabalho francesa. E' de toda a conveniência que o operariado conheça as razões, se aquilo são razões, que levaram o governo francês a cometer esse acto.

Os resultados da sentença pronunciada contra os directores da C. G. T., manifestam:
«Primeiro. Que esta reconheceu impotência a materialidade dos factos que lhes apontam. Com efeito, o comité confederal escreveu um artigo publicado na *Voz do Povo* o seguinte: «A organização operária constituiu-se fora da lei e assim continuará procedendo».

Segundo. Que a C. G. T. quis fazer da liberdade sindical um instrumento de guerra social, empregando para isso meios inadmissíveis, tais como a paralisação da vida nacional.

Terceiro. Que o facto de o Estado ter tardado em requerer a aplicação da lei não implica nem prescrição nem anistia, porque nenhum governo interpreta da vontade nacional pode tolerar na sua frente, com o disfarce de sindicalismo, outro governo criado por uma minoria de agitadores que a todo o custo pretendem impor a sua vontade.

Quarto. Que o chamamento à ordem era tanto mais necessário porquanto a C. G. T. manifestou o valor de seus directores, sendo preciso que, a bem ou a mal, continuasse dentro da órbita determinada pela lei, da qual se apartou para seguir um caminho de estéréis revoluções.

Quinto. Que a C. G. T. demonstrou pelos serviços prestados durante a guerra e pelos erros de orientação cometidos pelos seus directores, que se comprometeram no perigoso caminho de uma revolução política incompatível com as essenciais prerrogativas do Estado.

MINA DE OURO

Falá-se novamente na exploração, por uma companhia estrangeira, da mina de ouro da Fonte da Telha, na Costa de Caparica.

DEBATE DE OPINIÕES

O homem lobo do homem

E enquanto os lobos se devoram uns aos outros...

Tinha razão Terêncio; tinha razão Hobbs quando desenvolveu a sua célebre teoria: *Homo homini lupus*. Este animal que é o homem é duma ferocidade que deixa a perder de vista a pãntera.

Esmagar, dilacerar o seu semelhante, parece, por vezes, a razão suprema da sua existência.

Há excepções? Possivelmente. Eu sou uma criatura imperfeita e tenho a consciência da minha imperfeição. Revolto-me intimamente contra as minhas imperfeições e, sendo dotado dum carácter mais enérgico do que brando, autoritário um tanto, não tenho todavia a força necessária para dominar o que em mim existe de imperfeito. Entretanto, não odeio ninguém, não sou capaz de odiar. Há indivíduos de que não gosto? Afasto-me deles, não os odeio, não os persigo. Não odeio ninguém, felizmente.

Os burgueses? Ah! sim os burgueses tem razão para me odiar. Eu não os odeio. E a quantos deles não reconheço as qualidades as mais apreciáveis como homens de trabalho e de valor mental, como chefes de família e como homens de coração a quem também confrange a desgraça alheia!

Eu não odeio os burgueses como homens considerados. Detesto o regime social que os cria e os sustenta porque é iníquo e criminoso e esforço-me, na possibilidade das minhas mínguas forças, por destruí-lo. Destruir os homens é tarefa que repugna intimamente ao meu carácter. E quem sabe se os não terei de destruir ainda arrastado por essa causa a que se chama... a razão de Estado. Quem sabe?

Tinha razão Terêncio; tinha razão Hobbs. O homem é o lobo do homem. Olhamos em volta de nós e o que vemos? O ódio a florescer como semente pródigo espalhada em terreno bem cuidado. E cultivam este ódio não só os burgueses por uma questão de interesses materiais feridos, o que é ainda um ódio que de certa maneira se justifica; cultivam este ódio, também, os socialistas.

E' este um fenómeno que eu frequentemente observo nas assembleias socialistas. Odeia-se menos as instituições que nos reduzem a simples máquinas de produção do que os homens que estão numa posição oposta à nossa. Na impulsão do movimento socialista o despejo e a inveja entram em grande linha de conta. E depois o que se observa quanto aos partidários das diversas correntes socialistas, choca, penaliza, magoa, para quem tem o coração mais disposto a perdoar do que a condenar.

Não é muito difícil provar que entre os socialistas das diversas correntes doutrinais existem mais divergências de forma que de fundo. Todos querem a humanidade liberta da opressão moral e económica que a esmaga. Todos ti-

Uma exortação

Após a tremenda luta heróicamente sustentada pela grande família ferroviária, em que se patentearam gestos nobilíssimos e actos de verdadeira coragem e altruismo, seria de esperar que, feita a apresentação ao serviço e serenados os ânimos, as perseguições terminassem e se acudisse a uma situação económica deveras alívica. Não sucedeu assim.

A palavra de honra do sr. presidente do ministério nenhum valor teve e a prova é que as perseguições, vexames e prisões efectuadas, são em grande número, para satisfação das entidades superiores dos Caminhos de Ferro, que, com raras excepções, tem cevado o seu ódio e barde, contra aqueles que conscientemente e honestamente lhes tem chateado as faces, como Cristo pereceu, expulsando os vendilhões do Templo.

Durante o movimento grevista, quem protestou contra os ferroviários? O comerciante ladravaz e envenenador; o judeu da alta finança e os políticos arrastados, trindade negra, que tem levado este desgraçado país ao último descalabro, chegando ao ponto de ser afirmado em pleno parlamento, que o país está a saque!

Esta regra apenas admite, infelizmente, poucas mas honrosas excepções. Para a parasitagem dos diferentes matizes há dinheiro e considerações, mas para quem trabalha honestamente, apenas lhe apresentam como prémio, as grades de uma prisão ou o degrado para as plagas mortíferas de África!

Gritam hipocritamente que é preciso produzir para salvação de nós todos, mas assim é, porque afastam as energias de onde podem ser úteis, amordaçando-as, ou empregando-as em uma ocupação homicida, dando em resultado a desorganização de importantes actividades e deixando terrenos incoltos, o que representa decerto um crime de lesa-produção?

Tudo tem servido de pretexto para fins inconcebíveis que certas criaturas sem consciência nem dignidade tem em vista.

Todos os ferroviários tem sofrido resignadamente, mas — alimentando em seu peito um ardente desejo de que a aurora radiante da justiça, surja um dia, enfim, para eles!

Que crime cometeu então a classe? Reclamou mais um pouco de pão para si, suas companheiras e inocentes filhos.

Pois não seria e não é uma crueldade obrigar os ferroviários e suas famílias a passar fome, quando é certo que tam prestimosos trabalhadores trans-

nam, portanto, a maior conveniência em dar-se as mãos, embora cada escola actuando pelo seu processo especial de luta. A convergência de esforços seria tudo. Pois, não, senhores. Perante as pequeninas questões, a causa comum, o amor à humanidade, esbatem-se, eclipsam-se, e só o ódio ressurta com a sua violência, com o seu desígnio exterminador. Que almas de fel, que torrentes de rancor, albergam certos peitos de socialistas!

A revolução? Eles não a amam porque se a amassem sacrificariam-lhe-las os seus ódios.

O amor da humanidade? E' uma frase que eles esquecem e espêssham porque não são capazes de subordinar-lhe as suas vaidades.

A solidariedade? E' uma lèria que a não obriga a calar os seus despeitos e caprichos.

Frequentemente, quando assistimos a uma reunião socialista, o coração cobre-nos de amargura e de luto porque só vemos o ódio onde deveria existir a cordura, a harmonia e o entendimento. Há sempre o anátema, a maldição duns homens contra outros homens.

Tinha razão Terêncio; tinha razão Hobbs. O homem é o lobo do homem. E entretanto eu suponho que as próprias conveniências da sua vitalidade deveriam conduzir os homens a um fim absolutamente oposto. Todos se deveriam auxiliar reciprocamente porque está nisso a melhor utilidade do seu esforço. E nem sequer os socialistas dão exemplo duma atitude semelhante.

Há dias dizia-me um banqueiro meu conhecido quando lhe anunciava pela centésima vez a derrocada do regime burguês:
— Inlúde-se, meu amigo. Os senhores não contam com o principal estorvo às suas ideias de renovação social. Os senhores não se entenderão já mais. Há sempre as vaidades duns a não querem submeter-se à inteligência doutros. As vossas divergências, melhor do que a polícia e todos os outros meios coercitivos do poder, fazem a nossa segurança.

O banqueiro a que aludimos não vê que a revolução é determinada pelas circunstâncias e não pelos socialistas que podem, quando muito, aproveitar essas circunstâncias.

E entretanto ele tem razão em parte. A revolução pode vir — eu creio que ela é inevitável — mas as nossas divergências, as nossas vaidades, os nossos caprichos, podem bem depressa estragá-la.

E' que enquanto os lobos se devoravam uns aos outros, não descem ao povado.

J. Carlos RATES

AMANHÃ
CONDIÇÕES NECESSÁRIAS DE ÊXITO
Artigo de Emílio COSTA

portam tudo — quanto há de mais essencial à vida?

Exceptuando uma pequena minoria, que de ferroviários só tem o nome e das suas posições fazem banca de negócios escuros, enfileirando na quadilha de novos ricos e criminosos assambardadores, à classe, os honestos, vegetam miseravelmente, não tendo muitos dos seus componentes uma simples casa onde descansar, pois lhes fornecem suas tristes barracas de travessas pódres, onde macacos do Jardim Zoológico não poderiam viver.

A esta hora estão encerrados nas diferentes Bastilhas da República dezenas de ferroviários que a ajudaram a implantar e na jornada de Monsanto dearam o seu esforço e o seu sangue.

Alguns dos presos são condecorados por terem, com risco da própria vida, prestado serviços em França e Africa, nessa tremenda e funesta guerra mercantilista, desencadeada por criminosos a quem as leis não conseguem punir.

Que querem os governantes republicanos, verdadeiros ou mascarados, que as classes operárias, especialmente os ferroviários, façam amanhã, numa nova conjuntura difícil, se os homens que dizem ser adeptos dum regime que deveria ser justo e equitativo, tratam as verdadeiras forças vivas, os trabalhadores, como se fossem feras?

Não cavem mais fundo o abismo entre os que trabalham e o regime que dizem defender!

Acitem um conselho: ponham as vítimas em liberdade; readmitam nos Caminhos de Ferro aqueles que injustamente foram afastados, para que os serviços se normalizem de facto, em proveito da economia do país; e, finalmente, atendam as justíssimas reclamações da classe ferroviária.

Será um acto de boa política, — que não representará favor, mas a reparação parcial de tantos erros cometidos contra uma classe, que, com honradez e consciência, reclama apenas o direito à vida e o respeito pela sua dignidade.

E vós, ferroviários, valentes companheiros, levantai a vossa cabeça e não vos deixeis abater pelo desânimo; olhai com amor e carinho pela vossa Associação de Classe, mais comum dos que trabalham, e abrigar no peito a esperança de melhores dias! Desprezai os traidores e vendidos, porque o desprezo será o seu maior castigo e finalmente, não esqueçais os vossos camaradas que sofrem os horrores do cárcere e amparai sempre as suas famílias, para que, além da saúde que as acompanha, pelos entes queridos, não sofram também as agruras da fome.

São os votos sinceros que formula quem já não é ferroviário de facto, mas que o é e será sempre, pelo coração.

Antonio José PILOTO

C. G. T. O vulcão irlandês

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 20 horas precisas, o comité confederal.

Secção das Uniões

Os delegados à Secção das Uniões do Sindicato, devem reunir amanhã, pelas 21 horas precisas.

Em Espanha

A greve dos funcionários da fazenda

MADRID, 24. — Continuam sendo discutidos os assuntos propostos no conselho de ministros realizado no sábado, julgando-se que o sr. Dato resolve no próximo conselho a questão da fazenda se os empregados reassumirem os serviços. O novo ministro da fazenda examinara as reclamações do decreto que originou o conflito, porém, se persistirem na greve, o sr. Dato «sorria a questão, afim de ser mantida a disciplina».

O comité da greve, conferenciou com o sr. Dato, manifestando-lhe o desejo de reassumir amanhã o serviço pedindo-lhe que não se exercem representações.

— Rádio.

— Rádio.

— Rádio.

— Rádio.

— Rádio.

OS QUE MORREM

Realizam-se hoje os seguintes funerais:

GRATIS para os que procuram ocupação, não excedendo a 3 linhas; cada linha a mais 5 cts. Para os que procuram empregados 5 cts. a linha.

OFERECE-SE Rapaz de 16 anos, para a fabricação do moco de armazenagem. Sabe ler um pouco e está findor. Respon-

serviço de escri-
torio ou casa parti-
cular. Rua da Rosa,
43, 2.º.

oferace-30 Criada pa-
ra quartos
te pensão. R. Santa
Justa, 75, loja.

Fredda Ca sa de pe-
nição ou para
serviço. R. do Alma-
da, 37, l.

Mergulhador oferece-
se para
Portugal ou estran-
geiro. Quem precisa
dirija-se à administra-
ção deste jornal às
iniciais J. F. P.

Ajudante de chaffeur
com prática
de garrafeira

Homem, conhecendo
vila marítima
de embarque, Car-
a este jornal a A.
Mulher a dias. Rua
dos Mastro, 1.
Mulher a dias. Rua
Rebello da
vila, 8. 1.
Homem sabendo ler e
be guiar. Rua da Gra-
ça n.º 164.
Creada oferece-se pa-
ra quartos, di-
mesa, casa de penão,
hotel. Calçada Pço
dos Mouros 18, loja.

PRECISA-SE
Atendimento em idades

escrever, com
asse dos electricos,
endo alguma pratica
escriptorio e dando
as referencias.
ceito qualquer servi-
das 10 as 17 horas.
referido escriptorio ou
qualquer cobrança. F.
(Rua de D. Vasco, 15
Ajuda.)

de 22 anos,
com o 5.º ano

Boas costureiras de 20 anos para cima, pagas-se bem. R. Terelinho, 7, 1.º.

Penina para costura oferece-se a Rua da Verdade, 15-A.

Parte de casa alugue-se sem mobília. Av. Luis Bivar (a S. Sebastião da Pedreira). A. D. (c. d.º)

mulher a dias oferece-se para

Emprego de escritório com máquina. Carta a êst: jornal a J. P.

Salvador de São Paulo
pincel. Rua
Palmeira 13, cave, di-
reito

Anúncios econômicos..
Para compras, vendas,
alugueis, trespases, etc., até
3 linhas 20 ctvs. cada linha
e mais 10 ctvs.
 Quarto independente e Estuque e pinturas,
 e sem mobília. Todas

<p>alga-aca cavalheiro Rua Poeta Milton, 6. 4.º Dto.</p>	<p>trabalhos deste gê- nero encarregado J. B. Bacelar, C. Santana, 173, 2.º</p>
<p>alçado Alberto Lo- pes, manu- factor de calçado. R. João Freire, 160, 1.º c.</p>	<p>Dentista Extracções por anestesia, especial colocação de dentes fixos e com placa. Dr. Bar- ros Marinha, Rua da Assunção, 25, 3.º</p>
<p>chaparia E' em A SOCIAL onde os operários de- vem adquirir chapéus.</p>	

Tipografia pequena. Compre-se a prestações em 3 prazos. Carta a A. B. S. R. do Livramento, 126, 1.º — Alcântara — Lisboa.

América do Norte, Brasil, Argentina, Colônias e Europa

de para todas as pessoas.
GABRIEL LUÍS, agente habilitado—**RUA DE S. JULIÃO, n.º 32, 3.º.—LISBOA.**

SIFILIS
 Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Centenas de pessoas

Esparto
à descarga

A ACTIVA
Sociedade Comercial
e Industrial
Manuel Marques, Limitada

R. 24 de Julho, 8, 8-A, 8-B